



GT 047. Nas tramas do viver: entre governos, escritas e antropologias da dor

Natália Corazza Padovani (Pagu / UNICAMP) - Coordenadora,
Leticia Carvalho de Mesquita Ferreira (CPDOC/FGV) - Coordenadora

Este GT dá continuidade a um debate iniciado em 2015, que respondia a três distintas ordens de problemas: a dimensão política da dor, as técnicas de governo e a escrita etnográfica. Preocupados por aspectos do viver que muitas vezes são esquecidos, sublimados e controlados, mas, todavia constituem e animam a vida cotidiana, neste GT, propomos, agora, uma nova rodada de debates. Para tanto, temos o intuito de reunir etnografias que analisem as variadas articulações entre técnicas de governo e modalidades de sofrimento, explorando tais dilemas a partir de diferentes perspectivas. Seu viés analítico é o desafio de transpor terminologias locais para termos correlatos como "dor", "sofrimento", "sofrer"; os desafios metodológicos são como fazer etnografia de/em situações de sofrimento; e suas composições políticas - até onde ir na partilha da dor com nossos interlocutores? Como evitar uma compaixão desenfreada ou um desejo de governo renovado? Ao acreditarmos que o sofrimento/dor apresenta-se como condição comum a variados contextos de pesquisa, esperamos receber contribuições que, independentemente de vínculo disciplinar, estejam, por um lado, atentas a como a forma política produtiva do sofrimento pode, em muitos contextos, ceder espaço à forma produtiva do governo, a fim de produzir sujeitos e populações governáveis. E, de outro lado, não se furtem a descrever a dor como modo de viver o mundo, cujo modo situado de análise incide em formas de narrar e produzir etnografia.

Dor e sofrimento na Amazônia pós Belo Monte

Autoria: Gustavo Augusto Gomes de Moura

Em Altamira, quase 3.500 famílias que foram deslocadas de suas moradias para 5 reassentamentos urbanos coletivos, passando a conviver com um cotidiano urbano significativamente diferente do vivido anteriormente e, no mais das vezes, sendo envolvidas em negociações com o empreendedor ou com governos e suas complexas tecnologias gerenciais e governamentais. Buscando compreender o novo cenário posto, os movimentos sociais da região articularam a realização de um ostensivo diagnóstico com esses moradores, realizando para isso entrevistas com pouco mais de 1.000 familiares reassentadas e outras atividades de debate, capacitação e negociação coletiva, integrando o projeto batizado com o nome de "A Voz dos Atingidos". Após contextualizar o empreendimento e apresentar panorama sobre o diagnóstico realizado, o artigo debaterá como os atingidos por Belo Monte passaram a conviver com novos eventos de dor e sofrimento. A exposição vertiginosa a esses eventos resultaram em formas particulares de resiliência e, no limite, na alteração do significado de dor e sofrimento conforme experienciado pelas famílias reassentadas. É proposto o debate com autores como Foucault, Negri e Mbembe, que tem proposto a noção de biopolítica como chave para compreensão de como as tecnologias estatais e do Capital se encarnam na vida cotidiana do cidadão. O diálogo com Veena Das e sua interpretação wittgensteiniana das experiências de dor e sofrimento, ajudam a problematizar este tema no âmbito da experiência etnográfica. Rita Segato complementa o debate com sua proposta de "contra-pedagogias do poder", ajudando a compreender como a "voz dos atingidos" pode ganhar força se utilizando, de forma tática mas desconfiada, de conquistas em termos de legislação ou ações governamentais que ajudam os cidadãos a nominar e ressignificar a violência sofrida. Ao final, será compartilhado aprendizados sobre o fazer antropológico em contexto amazônico e em situações limites de conflito como é o caso de territórios afetados por grandes obras.



Realização:



Apoio:



Organização:

